

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ELAINE MARIA OLIVEIRA DE OLIVEIRA

A ESTÉTICA NA EDUCAÇÃO: a práxis freireana na escola

PORTO ALEGRE

2010

ELAINE MARIA OLIVEIRA DE OLIVEIRA

A ESTÉTICA NA EDUCAÇÃO: a práxis freireana na escola

Trabalho de Conclusão apresentado como requisito parcial e obrigatório para a aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a Dra. Darli Collares

Tutora: Cristiane Pelisoli Cabral

PORTO ALEGRE

2010

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Graduação: Prof^a Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

AGRADECIMENTOS

*O segredo é não correr atrás das borboletas...
É cuidar do jardim para que elas venham até você.*

Mario Quintana

Agradeço a Deus pelo dom da vida e saúde.

Nesses quatro anos estive com muitas pessoas, compartilhando vivências, angústias, conhecimentos e informações, cujo valor e intensidade seriam impossível registrar aqui.

Este trabalho de conclusão não é somente resultado de meu esforço pessoal, mas também do apoio recebido de amigos, colegas e professores, homens e mulheres fundamentais na construção de minha trajetória.

E agradeço, particularmente, a algumas pessoas pela contribuição direta na construção deste trabalho:

Agradeço a minha mãe que já não mais está entre nós. Incentivava-me sempre e sem a sua presença a vida se tornou muito mais difícil, pena que só tenha percebido tarde demais.

Agradeço à minha filha e ao meu irmão Jairo pelo bom humor e pela presença certa nas horas em que mais precisei.

Agradeço aos meus antigos professores, que me ensinaram com prazer e dedicação parte do que sei e, o que é mais importante, me ensinaram a buscar meu conhecimento sozinha.

Agradeço aos professores e tutores do Pead que sempre acreditaram em nossos sonhos e criaram as condições para que este se realizasse.

Agradeço a minha orientadora, professora Darli e também à tutora Cristiane por terem me apontado o caminho através das leituras indicadas, pelas indicações e sugestões; tudo sempre com compreensão e dedicação.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	5
1 PAULO FREIRE: VIDA, OBRA E CONTEXTO SOCIAL.....	8
1.1 ALGUNS FATOS IMPORTANTES DA VIDA DE PAULO FREIRE	9
2 CONCEITOS DE ÉTICA, ESTÉTICA SEGUNDO FREIRE.....	11
3 DIALOGANDO COM PAULO FREIRE	14
3.2 O MÉTODO DE FREIRE NA MINHA PRÁTICA	18
4. A ÉTICA FREIREANA: EDUCAÇÃO E ALTERIDADE	23
4.1 EDUCAÇÃO	23
5 APRENDENDO COM FREIRE	28
6 (IN) CONCLUSÃO	32
7 REFERÊNCIAS.....	34

INTRODUÇÃO

Não tenho lembranças de querer ter sido outra coisa a não ser professora. Desde muito pequena ouvia meus pais dizendo: "Esta menina vai ser professora." Não sei dizer se eles achavam uma profissão bonita ou se era a única permitida para as filhas pelas famílias da época. O que sei é que fui preparada desde o berço para ter esta profissão. Segui o rumo dos sonhos de meus pais.

A cidade em que eu morava era muito pequena e as professoras que davam aula no "grupo escolar" vinham de outra cidade e ficavam hospedadas na "casa das professoras" e esta casa ficava em frente da casa de meus pais. Como não conheciam ninguém quando chegavam era certo que faziam amizade com meus pais e com o tempo se tornavam "filhas" também. Faziam as refeições em minha casa; meus pais as acompanhavam nos "bailes" (pois uma moça não podia sair sozinha); suas famílias, quando vinham visitá-las também frequentavam minha casa.

Lembro que os assuntos sempre estavam relacionados com a sala de aula, com a postura de uma "mestra", o que era certo e o que era errado sobre o ensinar pelo exemplo. Ainda tenho nos ouvidos meu pai dizendo: "Uma professora é espelho para seus alunos. Se fizer algo errado seus alunos pensarão que é algo certo! Então, a conduta de uma professora deve sempre ser muito correta e de acordo com os princípios da sociedade."

Acho que foi assim que fui sendo preparada para tal.

Hoje estou sendo professora e uma das coisas que mais percebo em sala de aula é a falta de um senso mais crítico no que diz respeito à ética. Mesmo que as escolas levantem uma bandeira de "educação para a cidadania", não é o que vejo, não é o que os meios de comunicação estão mostrando quase que diariamente, não é o que a atual sociedade está vivenciando.

Talvez esse senso ético que vivenciei na infância e nas salas de aula, tenha me levado a fazer um trabalho de conclusão envolvendo ética e a estética na educação.

Mas por que Paulo Freire como principal referência e não em outro autor? São questionamentos que estou me fazendo...

Penso que Paulo Freire, em suas obras, em sua postura frente a sociedade da época, registrou o que pensa da educação brasileira e apontou soluções para os problemas que, nós, professores enfrentamos diariamente em sala de aula. Falou

sobre as situações limites que encontramos em sala de aula ou mesmo nossas próprias situações limites quando frente a uma turma. Ao mesmo tempo em que fala das situações limites, ou dos erros cometidos pelos educadores, aponta caminhos para superar discursos vazios e diz que deve ser instaurada uma pedagogia que começa com o diálogo, esperança, alegria e não com o autoritarismo. Esses foram os pontos que eu utilizei para nortear todo o meu estágio.

Com a leitura de Freire percebi como a consciência do ser educador poderá se constituir nos professores. Há grandes possibilidades dessa consciência não se efetivar totalmente no indivíduo professor e isso não é um fato raro. Mas como podemos ensinar se não pensarmos no ato ensinar? Se não pensarmos sobre nossa prática?

Quando iniciei meu estágio já possuía um grande tempo de sala de aula e também já havia lido muita teoria. Mas a minha grande preocupação foi fazer daquela experiência um momento de reflexão sobre a minha própria prática, e que essa reflexão pudesse colaborar para o desenvolvimento de meus alunos como seres dotados de habilidades e historicidade.

Sendo o estágio o momento de colocarmos em prática o que aprendemos, um momento de reconhecimento de nosso perfil, de nossas opções relacionadas a nossa profissão, é, pois, um momento de auto-conhecimento que envolve nossos valores éticos e morais, bem como nossos sentimentos. Este é um marco para a minha construção não somente profissional como pessoal uma vez que ao mediar as relações de aprendizagem e aprendizagem, aqui no sentido amplo a que esta se refere, perpassa pelo processo da interação com tudo o que envolve as relações interpessoais.

Durante o estágio houve momentos de grandes questionamentos que envolveram a teoria e a prática, momentos em que o que havia sido pensado, idealizado, não raras vezes, acabou em frustração por motivos diversos.

Elaborando meu trabalho de conclusão e refletindo percebo o quanto eu preciso ler para entender mais o pensamento de Freire. E quanto mais leio mais apaixonada me encontro pela sala de aula, pois será na sala de aula que poderei ajudar meus alunos a se tornarem sujeitos críticos que valorizem a liberdade e pratiquem a cidadania. Liberdade esta que implica na formação de pessoa na sua integralidade, abrangendo o ser na sua totalidade, na elaboração de seus conceitos,

de seus valores éticos, fazendo-os capaz de optar e de exercer de maneira funcional, as suas escolhas.

Experienciar liberdade requer ação efetiva, atitude reflexiva e postura responsável e transformadora, visando melhor qualidade nas relações com o meio, com o outro e com a própria vida e tudo que nela estiver implicado. Sendo assim, no primeiro capítulo apresento meu autor e alguns fatos de sua vida, bem como o contexto social em que suas principais obras foram escritas.

No capítulo seguinte estarei apresentando os conceitos de ética e estética segundo o autor e como esses conceitos são por mim entendidos e também as diferentes manifestações feitas em aula, principalmente o ato de ver e ouvir de forma crítica. E também como o nosso senso ético deve, segundo Paulo Freire, conviver com outros e não excluí-los.

No terceiro capítulo tenho a pretensão de estabelecer um diálogo com o autor e expor como esse diálogo me fez avançar em direção daquilo que Paulo Freire chama de *ser mais*¹.

No quarto capítulo abordo a educação e tento demonstrar, sempre amparada pela idéia esperançosa de Freire, que a educação é uma arte capaz de estimular, motivar e promover mudanças. E que essas mudanças devem ser assumidas por nós, professores, e que temos o papel de mediador, mas sem nunca esquecermos que aprendemos e ensinamos simultaneamente e, assim, percorrendo um caminho de construção da autonomia.

E, no último capítulo, apresento as conclusões a que cheguei no momento presente mas sem dar essa busca por encerrada.

¹ Freire, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 2007, p.30.

1 PAULO FREIRE: VIDA, OBRA E CONTEXTO SOCIAL

Paulo Freire talvez tenha sido um dos maiores teóricos no que diz respeito a educação no Brasil. Disse o que entendia por educação e como ela devia ser feita, tudo isso dentro do regime autoritário da época. Não calou, e por não calar foi obrigado a deixar o seu país e o povo brasileiro por quem ele tanto lutava.

Segundo Gadoti (1997), em sua obra Paulo Freire: uma biobibliografia, Freire foi no exilado no Chile e lá escreveu o seu livro mais famoso: Pedagogia do Oprimido. Lutava por um mundo menos desumano e sua arma era a indignação diante da injustiça e insistia que o futuro é possibilidade. Paulo Freire era um ser humano esperançoso e dizia que não era esperançoso por teimosia, mas por "imperativo histórico e existencial"², como afirma em Pedagogia da esperança.

Acreditava na educação e afirmava que a educação, se bem desenvolvida, teria poder de criar uma sociedade autônoma e pedia que os educadores fossem capazes de re- inventá-lo. Fez de sua vida uma eterna contribuição à educação popular, principalmente a educação dos adultos. Buscou com simplicidade contribuir para um Brasil e para um mundo melhor. Paulo Freire formou-se em Direito na década de 40, mas já tinha percebido que este não seria o seu ideal, optou por ser educador.

No nordeste do Brasil criou as condições futuras para a sua pedagogia, que hoje chamamos de Pedagogia freireana. Seu Método de alfabetização contribuiu para a sua prisão e seu exílio em 1964 quando o país entrou em seu período histórico mais difícil: a ditadura militar. Aos 43 anos de vida Paulo Freire partiu. Foi mandado embora de seu país, pois os governantes não queriam aqui alguém que seria capaz de fazer o povo pensar, pois um povo que pensa é uma arma muito perigosa.

Em Santiago do Chile, na primavera de 1965, escreve Paulo Freire:

Este ensaio tentará um pouco da história, dos fundamentos deste empenho no Brasil. Empenho que custou ao seu Autor, obviamente, o afastamento de suas atividades universitárias, prisão, exílio. Empenho de que não se arrepende e que lhe valeu também compreensão e apoio de estudantes, de intelectuais, de homens simples do povo, engajados todos eles no esforço de humanização e libertação do homem e da sociedade brasileira. À estes, entre os quais muitos estão pagando na prisão e no exílio, pela coragem de rebeldia e pela valentia de amar, oferece o Autor este ensaio. (1984, p. 37).

² Livro virtual, p.5, disponível em:
<http://elainemariatcc.pbworks.com/f/FREIRE+%281997%29+Pedagogia+da+Esperan%C3%A7a.pdf>

Esse trecho, de uma das inúmeras obras do Freire, por si só já explica os motivos de mais uma biografia sobre o autor. Acredito que muitos fatos ocorridos no Brasil, durante a ditadura militar, acabarão por ser esquecidos se esse tipo de biografias não for colocado em trabalhos sobre autores que a vivenciaram. Paulo Freire retornou com o desejo de “reaprender o Brasil” quase 16 anos após. Mesmo ficando muito tempo fora, Paulo Freire nunca perdeu os vínculos ou esqueceu-se do Brasil. Nunca se esqueceu de seus sonhos de liberdade. Voltou e continuou escrevendo sobre o que sempre acreditou. Ana Maria Araújo Freire, na *Pedagogia da Indignação* (FREIRE, 2000) escreve que apesar de cansado, em abril de 1997, mês anterior a sua morte, Paulo se encontrava intelectual e emocionalmente envolvido com o seu trabalho, com a educação. Lembra que, no dia 20, recebeu a visita de conhecidos e para eles leu as cartas pedagógicas que estava escrevendo. Esses amigos, Germano e sua filha Verônica, foram as últimas pessoas que tiveram o privilégio de saber detalhes e de ouvir da própria voz de Paulo Freire, trechos desse inacabado livro, *Pedagogia da Indignação*.

Nesse livro nota-se a sua a energia ainda vívida e lúcida para escrever sobre temas atuais de nosso país. De seu pensamento ainda emana a sua indignação e seu amor; a vontade de trabalhar e de participar, criticamente, da vida do Brasil. Observa-se o gosto pela vida. Paulo Freire morreu de infarto aos 75 anos de idade, no dia dois de maio de 1997 e deixou para todos nós, um conjunto filosófico de conceitos e reflexões, que pode nortear nossa missão como educadores.

1.1 ALGUNS FATOS IMPORTANTES DA VIDA DE PAULO FREIRE³

Paulo Freire é considerado um dos grandes pedagogos da atualidade e respeitado mundialmente. Nasceu em 19 de Setembro de 1921 na cidade do Recife em Pernambuco e faleceu em São Paulo no dia 02 de maio de 1997. Foi alfabetizado pela mãe. Diz ele: “Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo de meus pais. O chão foi meu quadro-negro; gravetos, o meu giz.” (FREIRE, 1990, p. 15).

Com 22 anos de idade, Paulo Freire começou a estudar Direito na Faculdade de Direito do Recife. Casou-se com a professora primária Elza Maia Costa Oliveira

³ Extraído de: GADOTTI, Moacir (Org.). **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez, 1997.

com quem teve cinco filhos. Começou a sua vida de professor no Colégio Oswaldo Cruz em Recife. Em 1947 foi contratado para dirigir o departamento de educação e cultura do SESI, onde entrou em contato com a alfabetização de adultos.

Em 1958 participou de um congresso educacional na cidade do Rio de Janeiro. Neste congresso, apresenta um trabalho importante sobre educação e princípios de alfabetização. De acordo com suas idéias, a alfabetização de adultos deve estar diretamente relacionada ao cotidiano do trabalhador. Em 1962, em Angicos, no Rio Grande do Norte, 300 trabalhadores rurais se alfabetizaram em 45 dias com a ajuda de Paulo Freire. Participou ativamente do MCP (Movimento de Cultura Popular) do Recife.

No começo de 1964, foi convidado pelo presidente João Goulart para coordenar o Programa Nacional de Alfabetização. Em meados de 1964, com o golpe militar que derrubou o governo do Presidente João Goulart, eleito democraticamente, Freire foi acusado de pregar o comunismo, sendo detido. Logo após o golpe militar, o método de alfabetização de Paulo Freire foi considerado uma ameaça à ordem, pelos militares. Viveu no exílio no Chile e na Suíça, onde continuou produzindo conhecimento na área de educação. Sua principal obra, *Pedagogia do Oprimido*, foi lançada em 1969. Nela, Paulo Freire detalha seu método de alfabetização de adultos. Retornou ao Brasil no ano de 1979, após a Lei da Anistia. Durante a prefeitura de Luiza Erundina, em São Paulo, exerceu o cargo de secretário municipal da Educação. Depois assessorou projetos culturais na América Latina e África.

Os 16 anos de exílio foram períodos tumultuados, mas extremamente produtivo para Paulo Freire. Com a anistia, na década de 1980, retornou ao país, tendo dirigido a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo durante a administração de Luiza Erundina.

Seu último escrito foi a “Terceira Carta – Do assassinato de Galdino Jesus dos Santos – índio pataxó”

2 CONCEITOS DE ÉTICA, ESTÉTICA SEGUNDO FREIRE

Do ponto de vista do pensar certo não é possível
mudar e fazer de conta que não mudou.
Paulo Freire

Freire propõe que uma verdadeira educação deverá ser uma educação estética. Mas o que se pode entender com isso? Observar, analisar obras de grandes artistas? Seria isso a educação estética que Freire tanto se preocupava? Lendo Paulo Freire percebemos que o conceito educar esteticamente é mais, muito mais: é fazer, e mostrando como se faz. É dialogar e estabelecer relações horizontais na prática do fazer pedagógico.

Saber que não posso passar despercebido pelos alunos, e que a maneira como me percebam me ajuda ou desajuda no cumprimento de minha tarefa de professor, aumenta em mim os cuidados com meu desempenho. Se a minha opção é democrática, progressiva, não posso ter uma prática reacionária, autoritária, elitista. Não posso discriminar o aluno em nome de nenhum motivo. A percepção que o aluno tem de mim não resulta exclusivamente de como atuo mas também de como o aluno entende como atuo. (FREIRE, 2006, p. 97)

A percepção, de que Freire fala, diz respeito a visão que o aluno possa ter do professor, bem como a visão de mundo que esse mesmo professor pode passar para o aluno, pois essa visão por si só já implica no ato estético.

A postura do mediador é fundamental para o entendimento do aluno, do fazer pedagógico. O discurso deve decorrer da prática e esta pressupõe clareza de ações e reflexões. A ação do educador é carregada de significados para o educando, portanto é referencial de construção no processo de aprendizagem. É necessário que o professor se perceba como ser inacabado, o que implica em constante dinamização e diálogo tanto com seus alunos, quanto com a sua práxis.

Cabe ao mediador mostrar que o conhecimento, o caminho para a conscientização, que é o Belo para Paulo Freire, não é adquirido apenas em livros, ou mesmo na fala do professor. Está imposta em toda a relação estabelecida entre o educando e o educador. O educador tem o dever de preocupar-se com a *boniteza* e essa implicará em lutas permanentes pela qualidade e melhoria da instituição e dos integrantes desta.

Boniteza em Freire significa esperança, alegria, solidariedade, amizade, bem-querer, decência e ética. Esse lado estético da educação, que Freire sonha, mostra-se desde o momento que o professor entra em sala e cumprimenta seu aluno, conhece e se interessa por sua história, chama-o pelo nome, identificando-o e personalizando-o no contexto pedagógico.

Mas ainda encontramos educadoras e educadores que não se dão conta que não mais é possível ensinar se a mediação com o meio não for estabelecida, se a sua história não for considerada como norteadora de interação e emancipação.

Como temem em ensinar sob as exigências estéticas, ficam perdidos diante da tarefa de educar esteticamente seus alunos. Por medo de perder a “disciplina” não estabelecem vínculos e, desse modo, perdem a oportunidade de se mostrarem estéticos e, muitas vezes, também éticos.

O que Paulo Freire está propondo é uma prática educativa mais crítica frente ao mundo, onde o educando se emancipe, mas para que esta emancipação ocorra de forma plena e real, a educação exige uma inquietação apaixonada de educadores e educadoras, um envolvimento total com o belo ato de ensinar.

Se o educador assim agir terá facilidade de mostrar ao educando o mundo que o cerca, a vida cotidiana, as belas relações estabelecidas entre os sujeitos da aprendizagem.

Se a educação assim for, voltada para a busca da felicidade e conscientização do educando, fazendo que ele se dê de conta que vive uma história própria e que nem sempre esta história é a ideal, mas que ele, o educando, é sujeito da sua realidade com poder de transformá-la, o belo será resgatado.

O resgate de belas atitudes no processo educacional requer o enfrentamento de muitos desafios. O maior deles é o de resgatar a beleza da própria vida em todas as suas dimensões.

Educadores e educadoras devem cultivar e reconhecer o *eu*, de sua própria beleza. Devem respeitar as especificidades étnicas, devem propiciar o desenvolvimento da beleza nas relações humanas, a gentileza, a cortesia, a igualdade entre os seres e as nações. E, por fim, o respeito e a valorização de todas as formas de vida, de natureza e de beleza.

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e a seriedade.” (FREIRE, 2006, p, 24).

Isso é um processo em que, a ética e a estética são pressupostos para a mudança. Por isso mesmo é que mudar é difícil, porque não envolve apenas o sujeito que muda, mas envolve também o outro. Mudar é algo que envolve conflito, luta e, por esse motivo, muitos educadores desistem, pois não estão habituados ao diferente e ainda resistem quando o assunto é formação continuada e permanecem com práticas educativas antigas e desgastadas, práticas onde impera a vontade única e exclusiva do educador. Esses professores temem uma educação aberta e democrática onde os educandos são estimulados pela curiosidade, pela alegria de criar e o prazer de se arriscar.

A educação ética e estética de Paulo Freire exige coragem, ousadia e conscientização de que somos inacabados. Parece complicado entender que em Freire não posso separar a ética da estética, que não existe nesse pensador uma ruptura entre os valores éticos (Solidariedade, Honestidade, Verdade, Lealdade, Bondade, Altruísmo...) e os estéticos (Harmonia, Belo, Feio, Sublime...).

Viver a ética e a estética na integralidade pressupõem responsabilidade por si e pelo outro, comprometimento nas relações com o mundo que o cerca. Comprometimento não significa aceitação da realidade e sim envolvimento no processo de construção de seus próprios conceitos, movidos por sentimento de boniteza, de forma crítica e autêntica, participando e transformando o meio em que se insere.

3 DIALOGANDO COM PAULO FREIRE

Este relacionamento dialógico que hoje tenho com a minha prática e com os meus alunos não foi algo que simplesmente surgiu com o “meu estudo teórico”. Está vinculado essencialmente com a minha vivência.

Penso que anteriormente tive contato com professores que privilegiaram o diálogo e a cooperação e, assim, me impulsionaram a pensar de forma crítica e a ver o mundo e a dizê-lo diferente do que Freire chama de educação bancária.

Numa educação bancária, para Freire, o aluno é meramente depósito de informações e o professor é detentor do saber. Não existe espaço para a reflexão. Se na minha prática, enquanto educadora, estabeleço uma relação dialógica e reflexiva com meus alunos, com a minha história, isso implica que a formação que eu busco é libertadora. Essa educação libertadora me faz perceber que sou um ser inacabado e, portanto, ainda sou sujeito da minha história e em constante busca de formação, de aperfeiçoamento e de mudança. Eu não sou, eu estou sendo.

O amor ao mundo, aos seres humanos, ao ato de educar começou a ser compreendida por mim, na época em que fiz o curso de magistério, entre os anos de 1975 e 1979, nas ações de professores que não tinham a liberdade de falar sobre liberdade de forma livre. Paulo Freire era lido com as portas da sala fechadas, e a leitura desses professores, de algum modo, criou a base que me fizeram entender que o diálogo somente será possível se inexisterem situações de opressão.

Diálogo! Segundo Freire (1987):

“A palavra viva é diálogo existencial. Expressa e elabora o mundo, em comunicação e colaboração. O diálogo autêntico – reconhecimento do outro e reconhecimento de si, no outro – é decisão e compromisso de colaborar na construção do mundo comum. Não há consciências vazias; por isto os homens não se humanizam, senão humanizando o mundo.”

Com esse pensamento iniciei a minha prática de estágio. Tinha consciência que a teoria adquirida com o curso de Pedagogia, mais os anos de prática, me faria um ser de diálogo, de troca, de socialização.

Acredito na importância da socialização do saber, entre o educador e os alunos, para que construam a sua aprendizagem, pois as experiências adquiridas servem como reflexão para o seu processo de desenvolvimento.

Penso que o processo de aprendizagem não é apenas uma mera transmissão dos conteúdos prontos, mas sim, a formação de sujeitos capazes de construir, de forma autônoma seus valores e conceitos, e a partir desses, desenvolver sua criatividade em relação à realidade no qual é sujeito.

Segundo Freire (1997, p.57-58),

O que não é possível, na prática democrática, é que o professor ou a professora, sub-repticiamente, ou não, imponha aos alunos sua "leitura do mundo", em cujo marco situa o ensino do conteúdo. Combater o autoritarismo de direita ou de esquerda não me leva, contudo, à impossível neutralidade que não é outra coisa senão a maneira manhosa com que se procura esconder a opção. (1997, p.57-58).

Com a teoria construída através da leitura das obras de Freire medieei momentos para a discussão e reflexão de temas atuais, que surgiam em aula, ampliando as possibilidades de aprendizagens e envolvimento no processo do conhecimento.

Um exemplo disso, encontro no trabalho que realizei com a turma, quando trabalhei com a história do Rio Grande do Sul fizemos levantamento de dados da população de algumas cidades, os diversos tipos de indústria e comércio, os profissionais que atuam em cada área e a sua valorização, os aspectos que precisam melhorar na saúde e na educação, iluminação pública e saneamento básico. As causas de muitas questões polêmicas como o lixo: reciclar é a solução? Como fazer para evitar a poluição do solo, do ar e da água? O que podemos fazer para tornar possível viver no mundo com questões tão ameaçadoras para a existência futura?

Munidos desses questionamentos nos lançamos à pesquisa, a tabulação de dados, a elaboração de gráficos, debates, textos escritos onde a idéia central era de conscientizar a turma e conscientizar também o maior número de pessoas possível sobre o seu direito, enquanto cidadão, de exigir saúde, educação de qualidade e, principalmente, que cada um deve responsabilizar-se, deve comprometer-se a participar da coleta seletiva de lixo, facilitando a reciclagem, que as indústrias devem ser vigiadas e denunciadas se colocarem resíduos químicos nas águas de nossos rios. Essas atitudes certamente acarretarão em melhor qualidade de vida para o mundo.

Com base nessas pesquisas construímos painéis e folhetos explicativos e cartazes com o objetivo de informar nossas "descobertas" a água assim como

provoca a guerra cura doenças; assim como mata, celebra a vida. Temos direito de usufruir de tudo que a natureza nos oferece e é nosso dever lutar por nossos direitos mas devemos ser responsáveis na maneira como desfrutamos desse direito.

Sendo a linha pedagógica da instituição onde trabalho, voltada para a emancipação de forma integral do educando, supõe uma prática construída a partir de projetos respeitando conteúdos mínimos especificados de acordo com o ano em que se encontram os educandos.

Estruturada nessa prática, a elaboração do projeto pedagógico, discutido e elaborado junto com os alunos, contemplou a releitura e escrita de histórias infantis⁴ onde o ponto de partida foram os seguintes questionamentos:

Como lemos o mundo?

De que forma tomamos conhecimento de fatos que ocorrem na vida cotidiana?

Como percebemos que as histórias que conhecemos são fatos reais ou situações imaginadas por alguém?

Partindo desses questionamentos foi consenso da turma que o livro é uma das maneiras mais agradáveis de ler e entender o mundo. Com a leitura de contos e histórias infantis tive a pretensão de estabelecer um diálogo com temas comuns e recorrentes na vivência de meus alunos, tais como: abandono, violência, discriminação, preconceito, racismo, trabalho infantil dentre outros.

O meu papel enquanto mediadora foi estabelecer vínculos entre o que é real e a fantasia. Instigá-los a pensar e refletir sobre as situações vividas pelas personagens das histórias e também como estas situações se aplicam em nossas vidas.

Foi possível através das diferentes histórias desenvolver valores éticos fundamentados no respeito à vida, às diferenças e ao ser humano como ser capaz de refletir sobre a sua relação com o meio onde está inserido.

Este momento de leitura e escrita de histórias foi o marco que fez com que os alunos, e eu mesma, conhecêssemos e refletíssemos sobre as nossas próprias histórias.

Os alunos elaboraram questões em que a sua própria família estivesse envolvida. Foram feitas entrevistas com a família, onde eles tinham que investigar fatos como: onde moravam os pais e avós, como era a cidade e a escola em sua época, como os pais se conheceram. Quando resolveram ter uma vida em comum,

⁴ A cigarra e a Formiga, A princesa e o sapo, Os três porquinhos, João e Maria, O leão e o ratinho.

qual a razão do nome de cada um, onde foi feito o registro de nascimento entre outras questões.

Após, de posse desse material, foram traçadas linhas de tempo a fim de situá-los dentro de uma história. História essa que já vinha sendo traçada. Penso que consegui iniciar com meu aluno o diálogo com o seu mundo e a sua história.

Freire (1994, p.46) afirma que,

Ao fundar-se no amor, na humanidade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um pólo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos. Por isto inexistente esta confiança na antidualogicidade da concepção bancária da educação.

Se a função do professor é propiciar meios para que o educando possa se realizar de maneira plena, é necessário que lhes sejam apresentados situações onde possam discutir e refletir sobre alguns exemplos de conduta, de modo de vida, de atitudes e valores e, por consequência, os levem a atingir a plena realização social através do diálogo constante com o mundo que o cerca.

Cada história infantil apresentada era reelaborada, pelo aluno de acordo com a sua própria realidade.

Acredito que as crianças estão abertas às leituras do mundo, pois são capazes de dizer o mundo segundo o seu modo de vê-lo e as mensagens recebidas são referências para formação de valores e de atitudes éticas.

Conforme Bettelheim (1980, p.52):

Ao trabalhar com literatura infantil se dá ênfase a criatividade: o exercício da imaginação traz grande proveito às crianças, primeiro porque atendem a uma necessidade muito grande que as crianças têm de imaginar as fantasias não são somente um passatempo, elas ajudam na formação de personalidade e são exercícios de criatividade. Uma vez que esta é diretamente proporcional à quantidade de referências que cada um possui, quanto mais "viagens" a imaginação fizerem, mais aumentará o "arquivo referencial" e, conseqüentemente, a criatividade.

Trabalhando com os clássicos infantis percebi o crescimento emocional dos alunos, pois o relacionamento entre os mesmos, no ano anterior, segundo o meu conhecimento, era um tanto conturbado.

Trabalhar a pesquisa com a família proporcionou-nos a percepção de diferentes situações, tais como: que nem toda a família é composta de forma que a sociedade considera tradicional.

Percebemos que existem diferentes tipos de família. Famílias compostas por pais e filhos; famílias compostas de avós, pais e netos entre outras.

Esta constatação oportunizou a mim, enquanto educadora uma concepção diferenciada do que eu entendia por família. Até então não havia refletido que as famílias e as suas maneiras de se comporem havia mudado. Ainda estava com o velho pensamento do que era um núcleo familiar. E meu aluno já conhecia esta realidade e já interagia com a mesma. Nesse caso eu fui a aprendiz.

Estou fora da sala de aula desde o mês de setembro e segundo informações que me é passada pelos meus colegas, a turma que minha orientadora e tutoras conheceram não é mais a mesma. Tornaram-se alunos problemas e de difícil relacionamento. A linha pedagógica que era até então seguida foi rompida, meus alunos sentiram o rompimento e se manifestam da maneira que conhecem com agressões e falta de comprometimento.

A professora que me substituiu não tem experiência de sala de aula e os alunos reconheceram este fato. O que era estabelecido hoje com eles, amanhã não era seguido. Muitas vezes tive que retornar à sala, a pedido da supervisão escolar, para trabalhar com eles no laboratório de informática, hora do conto e também para orientar a professora na introdução de novos conteúdos. Mas não foi algo que gostei de fazer, me parecia que estava me intrometendo em algo que não mais me pertencia e sim ao grupo de orientação da escola. Passei por momentos de conflito, pois ao mesmo tempo em que estava sendo ética com “meus” alunos e com a escola, não estava sendo ética em relação a nova professora, pois me parecia que eu estava passando para ela, de forma bancária, um modelo a ser seguido. Senti-me ao mesmo tempo oprimido e opressor.

3.2 O MÉTODO DE FREIRE NA MINHA PRÁTICA

O método utilizado por Freire é o diálogo. Diálogo pressupõe amor. Amor ao outro. O diálogo será em Freire (1997) o ato de comunhão entre o aprender e o ensinar e, sem ele, essa comunhão será quebrada e tudo perdido, pois sem diálogo com a realidade não há educação.

Freire (1980, p.37) afirma:

Cada relação de um homem com a realidade é, deste modo, um desafio ao qual deve responder de maneira original. Não há modelo típico de resposta, senão tantas respostas diferentes quantos são os desafios... E ainda é possível encontrar-se respostas bem diversas a um mesmo desafio.

O ato de educar e ser educado são atos de co-laborar, ou seja, trabalhar em conjunto. Esse foi um dos princípios básicos dentro da sala. Éramos um grupo e devíamos resolver nossas situações limites através do diálogo, pois a educação dialógica está associada à educação problematizadora, ao diálogo.

O ato de aprender teve um significado que motivou o educando ao ser mais.

Como isso ocorreu?

Através de temas geradores.

Porém o tema gerador ao qual Freire se refere não é um tema banal, qualquer. Na minha sala de aula foi algo pesquisado com os alunos e também algo do universo deles, pois segundo Freire (1980, p.32):

Procurar o tema gerador é procurar o pensamento do homem sobre a realidade e a sua ação sobre esta realidade que está em sua práxis. Na medida em que os homens tornam uma atitude ativa na exploração de suas temáticas, nessa medida sua consciência crítica da realidade se aprofunda e anuncia estas temáticas da realidade.

O uso de tema gerador escolhido foi válido, pois partiu do interesse, de algo representativo para meus alunos e, assim, motivo a partir do qual se desencadeou o início do processo de libertação da consciência. O tema gerador, portanto, do processo de aprendizagem possibilitou que a partir dele o meu educando compreendesse criticamente a realidade em que está inserido.

Freire (1997) afirma que ensinar e aprender exige curiosidade e compreensão crítica do mundo a que pertencemos. Mesmo sem saber ler, o homem não é uma pessoa ignorante, pois está no mundo e dele faz uma leitura constante.

O homem faz um poço porque tem necessidade de água. O faz na medida em que, entrando em relação com o mundo, faz dele objeto de seu conhecimento. Submetendo o mundo com seu trabalho, empreende um processo de transformação do mesmo. Deste modo, faz uma casa, roupas, instrumentos de trabalho. A partir daí e em termos evidentemente muito simples, mas objetivos, discutem em grupos as relações entre os homens, que não podem ser de dominação e de transformação como as relações do homem com a natureza, mas relações entre sujeitos. (FREIRE, 1980 p. 53)

Paulo Freire (1987) nos coloca que é pelo educando que nos tornamos educadores, é pelo educando que nos re-inventamos educadores. E a cada etapa enfrentamos os desafios que a sociedade nos apresenta com todos os seus matizes.

Acredito que qualquer reflexão inicial acerca dos temas geradores deva necessariamente partir da sua acepção: um movimento pela criação a partir da essência do ser humano. Ao pressupor no aluno um parceiro na construção do conhecimento pelo viés da valorização de seus saberes, terá o tema gerador encontrado na abordagem interdisciplinar da matéria um elemento catalisador de experiências diversas.

O trabalho a partir da realidade dos alunos com tema gerador está intrinsecamente ligado à contextualização dos conhecimentos diversos, já que carrega consigo uma intencionalidade: a negação das relações de dominação e submissão em prol de uma educação problematizadora e emancipadora.

Trabalhar com o tema gerador é, na proposta freireana, optar por um método dialógico e crítico no qual a passividade deixe de existir, e assim rompendo com a polarização entre professor e aluno.

A “ação-reflexão” proposta por Freire tanto nos resgata do *verbalismo* – a palavra oca – quanto do *ativismo*, no sentido da ação sem reflexão.

Segundo Freire (2007, p.97):

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um pólo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este elimina de confiança entre seus sujeitos. Por isto inexistente esta confiança na antidualogicidade da concepção “bancária” da educação.

Desse modo, o tema gerador inverte a prática pedagógica bancária, na qual é somente do professor a tarefa de pensar, organizar e aplicar um programa que ele julgue adequado aos alunos; o professor passa a mediar os elementos fruto do diálogo com seus pares, os alunos.

Utilizando-me de um fato apresentado na história de João e Maria, ou seja, a seca que assolava a população, propus a construção de um painel sobre os cuidados que devemos ter com a água. Esse foi o passo inicial para trabalhar um conteúdo obrigatório do ano: a água e sua utilidade.

Nesse contexto elaboramos desenhos, construímos o painel, pesquisamos na Internet, utilizando o Google como ferramenta de pesquisa o termo “água” e, um

universo se abriu. Meu aluno avançou na pesquisa, buscou e trouxe para o grande grupo fatos referentes a água que era do seu interesse.

Como sempre trabalhamos em grupo, cada grupo ficou livre para pesquisar o que mais lhe interessava saber sobre a água, ao mesmo tempo ia passando pelos grupos para ver como a pesquisa estava sendo desenvolvida e instigando-os com questionamentos.

Usar o laboratório de informática com toda a turma é algo desafiador a princípio, pois devemos atender a todos os alunos quase que simultaneamente. O aluno quer atenção constante e nem todos têm o mesmo nível de conhecimento. A solução ocorreu naturalmente. Quando percebi, eles já estavam interagindo e circulando entre os grupos, num processo de ajuda mútua.

Aqui houve um crescimento tanto dos alunos quanto do professor.

Tinha receio de não conseguir trabalhar com toda a turma sem ter um computador disponível para cada aluno e contextualizá-los no assunto em pauta. Porém os meus temores foram automaticamente dissipados, visto que ao assumir uma postura de liberdade tanto na construção dos grupos quanto na busca do conhecimento, os alunos responderam de forma bastante produtiva organizando-se e propondo diferentes atividades, evidenciando a construção do conhecimento. Nesse processo, a interação ocorreu em função de situações já vivenciadas em outros momentos em sala de aula, nos quais as atividades, em grupo, têm significativa relevância na aquisição do conhecimento.

Se interação pressupõe problematização e desequilíbrio, meus alunos e eu estávamos saindo de uma educação “bancária” e trilhando um caminho que, com certeza, nos levaria a uma educação libertadora.

A educação libertadora visa à reflexão, à emancipação e à construção do conhecimento. O professor que tem a sua visão voltada para o estético visa que o aluno veja muito além da mera aparência. Retomando o conteúdo água, citado anteriormente, que por si só não diz o quanto é abrangente, na pesquisa percebi que o aluno é muito mais capaz do que se pensa.

Ao término da pesquisa e no momento do registro constatamos que a água é muito mais do que simplesmente matar a sede e manter a higiene. Descobrimos que a água assim como provoca guerras, como por exemplo, na faixa de Gaza, no Oriente Médio, auxilia na cura doenças. Assim como provoca a morte, celebra a

vida. E o mais importante, as conseqüências do mau uso desse recurso colocará em risco as gerações futuras.

4. A ÉTICA FREIREANA: EDUCAÇÃO E ALTERIDADE

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele.
Paulo Freire

4.1 EDUCAÇÃO

No livro *Pedagogia do Oprimido* diz Freire (2007, p.60),

Não podemos esquecer que a libertação dos oprimidos é libertação de homens e não de coisas. Por isto, se não é autolibertação – ninguém se liberta sozinho -, também não é libertação de uns feitos por outros.

Percebo com esta afirmação que é impossível escapar do fato de que o outro está presente em mim. A vida lida com o outro, mas não raro esquecemo-nos deste “outro”, suas necessidades, seus anseios. Não podemos esquecer que toda a nossa prática e pensamentos devem estar voltados para a inclusão dos sujeitos em todo o movimento social.

Mas o que me interessou, durante a realização desse trabalho, foi o como essa relação com o outro realmente acontece. A educação, me parece, seja o método que impregnará de sentido a vida. Mas para dar certo precisamos de pessoas, principalmente educadores, comprometidos com a ética.

É não só interessante, mas profundamente importante que os estudantes percebam as diferenças de compreensão dos fatos, as posições às vezes antagônicas entre professores na apreciação dos problemas e no equacionamento de soluções. Mas é fundamental que percebam o respeito e a lealdade com que um professor analisa e critica as posturas dos outros. (FREIRE, 2006, p 17).

Esperança! Esperança em um mundo melhor.

Não foi educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade. É também na inconclusão de que nos tornamos conscientes e que nos insere no movimento permanente de procura que se alicerça a esperança. “Não sou esperançoso”, disse certa vez, por pura teimosia, mas por exigência ontológica. (FREIRE, 1997).

O professor para Freire deve também se preocupar com o conteúdo ético que seu aluno receberá. A educação esperançosa de Freire nega qualquer forma de

discriminação dessa ética. Mas para que essa educação esperançosa aconteça é necessário que professores estejam realmente comprometidos com a ética. Diz ele (2006, p. 15): “Educadores e educandos não podemos, na verdade, escapar à rigorosidade ética. Mas é preciso deixar claro que a ética de que falo não é ética menor, restrita, do mercado, que se curva obediente aos interesses do lucro.”

É preciso que nossos alunos vejam que somos seres inacabados e que o conhecimento do mundo não está em nós. Que a nossa visão de mundo também é mediada pelo mundo.

Se nós, professores, formos coerentes, nossas práticas se tornarão mais transparentes e nossos alunos aprenderão a inserir-se em todo o processo educativo e isso provocará mudanças e tomadas de atitude.

O professor precisa discutir temas éticos frente com seus alunos como também precisa assumir posturas éticas. Educar pelo exemplo, pela prática. O professor consciente de sua importância é um ser que faz e que está no mundo com os outros. É consciente de sua curiosidade e *vocacionado*⁵ a ser mais. Para ensinar o sentido de alteridade o professor tem de dar-se conta, antes, que também está no mundo.

A este respeito, Freire (2000, p.67) afirma:

Não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornamos capazes de amar o mundo. A ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem de estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico ou libertador.

Freire dá importância à relação homem e mundo. O homem precisa “ser mais”. O homem precisa deixar de ser coisa e se humanizar e o exemplo passado pelos professores se tornam essenciais.

O professor deverá ter uma excelente formação teórica e prática que deverá ser desenvolvida com diálogo. O diálogo em Freire pressupõe o amor ao outro e sem diálogo não há comunhão, não há educação. Educar é ser educado, é colaborar, trabalhar em conjunto na construção da humanidade, pois somos incompletos e também somos possíveis de sermos educados para a relação no grupo em que estamos inseridos.

Nos grupos de inserção está também a criança e esta merece atenção especial quanto a formação da autonomia. Penso que se torna incoerente somente falarmos

⁵ FREIRE, Paulo. Política e educação. Disponível em http://elainemariatcc.pbworks.com/f/PAULO_FREIRE_-_Politica_e_Educacao.pdf

de limpeza da casa, do corpo, do vestuário, ou seja, de algo exterior ao nosso momento, ou seja, a escola. Acabamos por esquecer que passamos um sexto de nosso dia dentro da sala de aula. Precisamos usar a sala de aula em favor da conscientização.

Quando o aluno se dá conta, conscientiza-se que a sala de aula também faz parte de sua vida e que os hábitos aprendidos em casa também devem ser usados em sala de aula e conseqüentemente em todo o ambiente escolar, tudo se torna mais claro e o aluno percebe que o mundo em que ele vive também é o mundo em que o próximo vive. E a sala de aula é no momento, o nosso mundo, e este mundo não pertence somente a nós. É nesse momento que o educador deve estimular uma tomada de consciência no que diz respeito à preservação do meio em que vivemos. Ser saudável é ter bons hábitos em todos os ambientes.

O professor deve assumir seu papel de mediador entre o aluno e o mundo que esse começa a descobrir. Paulo Freire nos ensina que o homem é capaz de transformar o mundo, mas somente é possível, se e somente se, houver uma conscientização deste mundo. Precisamos ensinar nossos alunos a conscientizar-se do outro, a conhecer a sua história, a sua realidade e não simplesmente aceitar os fatos sem grandes questionamentos, sem emocionar-se.

Uma das características do homem é que somente ele é homem. Somente ele é capaz de tomar distância frente ao mundo. Somente o homem pode distanciar-se do objeto para admirá-lo. Objetivando ou admirando – admirar se toma aqui no sentido filosófico – os homens são capazes de agir conscientemente sobre a realidade objetiva. É precisamente isto, a práxis humana, a unidade indissolúvel entre minha ação e minha reflexão sobre o mundo. (FREIRE, 1980, p. 25-26).

Deve existir na relação mediador/educando o diálogo, a cooperação e o vínculo afetivo. Devemos estar num constante processo de reflexão e interação, dinamizando as relações. Considero esta postura fundamental para que se tornem seres críticos e reflexivos e transformadores. O vínculo afetivo, que é construído dia-a-dia com a turma, é demonstrado através da apropriação do saber, a participação e a motivação dos alunos nas atividades que realizam com entusiasmo.

Freire (1997) que o educador que trabalha com crianças deve estar atento à difícil passagem da caminhada da heteronomia para a autonomia, pois a educação atual está voltada a sustentação do modelo de dominação e seu objetivo é impedir as transformações e manter esse modelo.

Devemos nos preocupar com as crianças, com a formação de sua autonomia, pois um ser autônomo nunca será minimizado, perceberá que sua liberdade tem limites e que a ética rege as relações no cotidiano.

Sabemos que a consciência tem a ver com o meio em que a pessoa está inserida, vive e se desenvolve, mas em nenhum momento a ética maior deverá ser substituída pela “ética de mercado”⁶.

As pessoas valendo pelo que ganham em dinheiro por mês. O acatamento ao outro, o respeito ao mais fraco, a reverência à vida não só humana, mas vegetal e animal, o cuidado com as coisas, o gosto da boniteza, a valorização dos sentimentos, tudo isso reduzido a nenhuma ou quase nenhuma importância. (FREIRE, 2000, p. 66).

Somente a educação poderá melhorar a condição do homem, pois sendo a educação um ato coletivo como afirma Freire na *Pedagogia do Oprimido* (2007, p. 78) “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”; e o outro está sempre presente nos nossos processos educativos.

Educação é, portanto, processo de humanização e esta humanização somente será possibilitada pela convivência.

O centro do pensamento de Freire é, portanto, o outro. Não é possível falar de autonomia sem levar em conta a experiência de vida de cada um. Ensinar significa, em Freire, permitir que o outro aprenda a contar a sua história e o ensinar diz também que o educador deve ter respeito aos saberes de quem está em constante processo de construção do saber, em construção de sua história.

É esta percepção do homem e da mulher como seres “programados, mas para aprender” e, portanto, para ensinar, para conhecer, para intervir, que me faz entender a prática educativa como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e de educandos. (FREIRE, 2006, p.145).

Freire nos ensina a olhar o outro a partir de nossas próprias aprendizagens e compreendê-lo através do diálogo. Como as coisas não estão sempre prontas, assim como os homens que são “seres que estão sendo, como seres inacabados,

⁶ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Disponível em: http://elainemariatec.pbworks.com/f/Freire%2C_Paulo_-_Pedagogia_da_Autonomia_-_Saberes_Necessarios_a_Pratica_Educativa.pdf

inconclusos, em e com uma realidade que sendo histórica também, é igualmente inacabada. (FREIRE 2005,p.83), mudanças ocorrem e muitas outras ocorrerão.

O educador precisa acompanhar estas mudanças, pois a educação libertadora vem se *re -fazendo* com a história dos homens, precisa também instigar a reflexão e o diálogo que emancipe o oprimido e que contribua para a sua libertação. O educador precisa fazer com que o educando veja, e isto é uma exigência em Freire.

O educando é o autor de sua história. E esta história precisa ser reconhecida.

A questão da alteridade pode ser vista principalmente na Pedagogia do oprimido. Os oprimidos a qualquer momento na sua história podem começar o embate contra os que os fazem menos. Mas isto é segundo Paulo Freire um problema, pois esta luta somente terá sentido quando o ser menos que busca a sua liberdade, sua humanidade não se torne também um opressor.

Esse embate sentido terá se o oprimido reconquistar a sua humanidade e a humanidade do opressor.

Mas como isso será possível?

Freire nos diz que somente se unirmos a teoria à prática, onde a liderança que busca o ser mais estabelecer uma relação dialógica e na prática destes fazeres libertadores, com certeza, a liberdade se multiplicará. Os oprimidos devem se engajar na luta pela liberdade e dela participarem. E isto em sala de aula se dá mais ou menos assim: o aluno que antes era apenas ouvinte e que nada pensava saber e tampouco conseguia romper com as “situações-limites” passa a fazer parte do processo libertador e por ele lutar.

Deixa de ser somente alguém que pensava que nada sabia e passa a ser educando - educador. E os professores com a teoria deixam na prática de serem opressores e passam a participar do processo não mais como “donos do saber”, assumem uma situação de aprender e ensinar. Assim, tanto aluno quanto professor dá se conta que, mediatizados pelo mundo que os rodeiam, aprendem e ensinam simultaneamente.

5 APRENDENDO COM FREIRE

O pensamento de Freire nos premia com ensinamentos de verdadeiro amor ao ato de educar. Orienta-nos a percorrer um caminho inundado de afetividade na luta pela construção da autonomia do educando.

Ensina-nos que devemos assumir sem medos o dever de ensinar. Que devemos falar, mas antes de tudo devemos escutar para podermos com nossos alunos dialogar. Mas o escutar em Freire vai além de um simples ato de audição: significa estar disponível e aberto a fala, ao gesto, ao toque do outro. Significa estar pronto para concordar ou discordar, de falar ou de calar. E, principalmente, significa estar disponível para a vida

Podemos ver isso na própria fala do autor, quando diz:

Disponibilidade à vida e a seus contratempos. Estar disponível é estar sensível aos chamamentos que nos chegam, aos sinais mais diversos que nos apelam, ao canto do pássaro, à chuva que cai ou que se anuncia na nuvem escura, ao riso manso da inocência, à cara carrancuda da desaprovação, aos braços que se abrem para acolher ou ao corpo que se fecha na recusa. É na minha disponibilidade permanente à vida a que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo a ser eu mesmo em minha relação com o contrário de mim. E quanto mais me dou à experiência de lidar sem medos, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo o meu perfil. (FREIRE, 2006, p. 134).

Esses são os motivos que me fizeram buscar em Paulo Freire, na compreensão de seu pensamento, a vivência para a minha prática educativa. Pois o verdadeiro professor somente se realizará se capaz for de reconhecer suas "situações limites" e aceitá-las e sair em busca de alternativas que a façam superá-las.

Essa superação se dá, no pensamento de Paulo Freire, no diálogo. Diálogo, ou melhor, dialogicidade, e este é um conceito que Freire utiliza para definir a "essência da educação como prática de liberdade" (Freire, 1987, p.44). O diálogo será um ato de conquista entre sujeitos e nunca -um ato de dominação entre um sujeito e outro.

Ao fundar-se no amor, na humanidade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um pólo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos. Por isto inexistente esta confiança na antialogicidade da concepção bancária da educação. (FREIRE, 1994, p. 46).

Se a função do professor é propiciar meios para que o educando possa se realizar de maneira plena, é necessário que lhes sejam apresentados, alguns

exemplos de conduta, de modo de vida, de atitudes e valores que os façam refletir sobre o mundo e, por consequência, também os levem a atingir a plena realização social através de um diálogo constante com o mundo que o cerca.

No prefácio de *Pedagogia da Autonomia*, Edna Castro de Oliveira, responde parte de meios anseios quanto à questão quando afirma:

Como os demais saberes, este demanda do educador um exercício permanente. E a convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando. Pressupõe romper com concepções e práticas que negam a compreensão do educando como uma situação gnosiológica. A competência técnica científica e o rigor de que o professor não deve abrir mão no desenvolvimento do seu trabalho, não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas. Essa postura ajuda a construir o ambiente favorável à construção do conhecimento onde o medo do professor e o mito que se cria em torno de sua pessoa vão sendo desvelados. (OLIVEIRA, in FREIRE, 1997 p. 10).

O amor ao mundo e a os seres humanos será a base deste diálogo e somente será possível se inexistirem situações de opressão.

Ao fundar-se no amor, na humanidade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um pólo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos. Por isto inexistente esta confiança na antidualogicidade da concepção bancária da educação. (FREIRE, 2007, p. 94).

A educação libertadora leva homens e mulheres a dar-se conta que as *situações – limites* devem ser superadas para o desaparecimento da opressão desumanizante.

Freire enfatiza a necessidade de uma metodologia conscientizadora que deve conduzir a consciência dominada a ter a visão totalizada do contexto. Isso somente será possível quando, nós, educadores lutarmos para que o educando supere suas situações- limites passando do nível da consciência mágica, quando ainda não percebem além situações-limites para o nível de consciência máxima possível, quando o indivíduo é capaz ver além destas situações limites e vislumbrar soluções para a realidade concreta.

Para que a educação realmente ocorra é preciso que os educadores se conscientizem que o conhecimento é algo inacabado, que o mundo está em permanente transformação e nós estamos em interação com o mesmo através da formação constante, pois o *mundo não é, está sendo*.

Na obra *Pedagogia da Autonomia* (2006, p. 7-8), no índice dos capítulos, está sintetizado o que é necessário para que o educador compreenda e o que ele realmente precisa para exercer com amor a sua função, desenvolvendo um trabalho prazeroso.

Freire entende a educação como um processo dinâmico e permanente e diz que mudanças só ocorrerem com uma revolução de sujeitos conscientes e históricos.

A libertação dos sujeitos oprimidos será possível quando estes reconhecerem a sua real situação, se reconhecerem como oprimidos. E esse reconhecimento só será possibilitado quando houver conscientização e assim poderá o sujeito oprimido exercer um domínio sobre o objeto opressor.

Freire está dizendo que estar consciente é estar consciente de algo e, portanto, o processo educacional é apenas um meio que contribui com a formação da conscientização.

Paulo Freire coloca a conscientização como objeto e finalidade da educação. (FREIRE, 1980, p. 25). “[...] estou absolutamente convencido de que a educação, como prática de liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade”.

Parece que tanto a ética quanto a estética em Freire são estabelecidas nas relações coletivas e que ensinar se dá pelo exemplo.

O professor que realmente ensina, ou melhor, que trabalha os conteúdos de forma rigorosa quanto ao pensar certo, nega, como falsa, a fórmula “farisaica” do “faça o que mando e não o que eu faço”.

Quem pensa certo, saberá de antemão que não pode ter uma prática vazia, sem exemplos a demonstrar, saberá que palavras vazias de exemplos têm pouco ou nenhum valor, pois sabe que pensar certo precisa estar acompanhado com a prática de fazer certo.

Que podem pensar alunos sérios de um professor que, há dois semestres, falava com quase ardor sobre a necessidade da luta pela autonomia das classes populares e hoje, dizendo que não mudou, faz o discurso pragmático contra os sonhos e pratica a transferência de saber do professor para o aluno?!

Que dizer da professora que, de esquerda ontem, defendia a formação da classe trabalhadora e que, pragmática hoje, se satisfaz, curvada ao fatalismo neoliberal, com o puro treinamento do operário, insistindo, porém, que é progressista? (FREIRE, 2006, p.34).

A educação deve ser um processo consciente de tomada de decisões, de conscientização para que os indivíduos em formação possam fazer uso pleno de suas potencialidades e capacidades.

Kronbauer quanto à conscientização diz que:

A conscientização como processo interno às contradições estruturais pode ser fator relevante de transformação sócio-cultural: de qualquer maneira deverá ser sempre o seu acabamento. O ser humano não pode se libertar, se ele mesmo não protagoniza a sua história, se não toma a sua existência *em suas mãos*. *A isso conduz a dinâmica da conscientização...* A conscientização é, pois, processo de significação do mundo. Processo no qual a consciência se recupera como consciência do mundo e consciência para si, uma vez que, enquanto "consciência de", ela se determina no mundo ao expressá-lo e ao exteriorizar-se nele. (KRONBAUER *in* Dicionário Paulo Freire, 2008).

O indivíduo estará dotado de conscientização quando perceber o seu estado de inacabamento. Quando compreender que novos desafios surgirão e que estes desafios serão conectados a novos desafios, que o farão perceber as amarras da opressão e os motivos que os fazem ser escravos dela. A escola somente mudará quando os professores estiverem conscientes que estas mudanças necessariamente deverão passar por eles.

6 (IN) CONCLUSÃO

Ao fazer este trabalho dei-me conta da minha situação-limite.

É muito difícil escrever, temos medo de colocar no papel os nossos pensamentos, sentimos as amarras da dificuldade e pensamos que somos os únicos a pensar assim. Inquietamo-nos ao mesmo tempo em que sentimos a força esmagadora das situações-limites.

Lendo Paulo Freire percebe-se o quanto ele esteve preocupado com esta inquietação indispensável para a formação da consciência.

A sua preocupação sempre foi a falta de conscientização e focou seu pensamento, sua vida, no ato de nos fazer ver que somos sujeitos capazes de desvelar o mundo e modificá-lo

Ele leu e leu muito. Libertou-se primeiramente através da leitura e após, pela prática.

O pensamento de Paulo Freire, ao se fazer pedagógico e, ao mesmo tempo, político, em busca do rompimento da situação-limite e do ser mais, propõe um projeto educativo que visualiza o ser humano na sua integralidade, num contínuo processo de libertação.

Paulo Freire propõe em sua obra a constituição de uma antropologia, que se apóia na humanização. Reinventa a pedagogia e pede que nós, educadores, sejamos capazes de reinventá-lo sempre e que não estejamos simplesmente no mundo, mas com o mundo.

Esperança e alegria em favor de um mundo mais humanizado e comprometido com as lutas em favor do ser mais.

Paulo nos mostra caminhos necessários e indispensáveis para a nossa prática educativa. Esta prática deve ser coerente com os padrões éticos universais, pois a Ética está sempre a favor da vida.

Com seus ensinamentos incentiva-nos a influir na sociedade e a assumirmos nossos compromissos com ética, amor e alegria.

O homem está no mundo e com o mundo. Se apenas estivesse no mundo não haveria transcendência nem se objetivaria a si mesmo. Mas como pode objetivar-se, pode também distinguir entre um eu e um não-eu. Isto o torna um ser capaz de relacionar-se; de sair de si; de projetarem-se nos outros; de transcender. Pode distinguir órbitas existenciais distintas de si mesmo.

Estas relações não se dão apenas com os outros, mas se dão no mundo e pelo mundo. (FREIRE, 1979, p. 30)

É preciso que nós educadores sejamos os agentes de diálogo, mas que nossas palavras não sejam ocas e carregadas de “verbalismos”. É preciso que aprendamos a discutir a educação.

Como?

Trocando idéias, discutindo temas pertinentes a vida do aluno e, principalmente, trabalhando com o aluno para o pensar autêntico e crítico, para a humanização.

Freire, na Pedagogia da Autonomia, enfatiza a necessidade de respeito ao conhecimento que o aluno traz para a escola, posto ser ele um sujeito social e histórico, e define essa postura como ética.

Defende a idéia de que o educador deve buscar essa ética, a qual chama de “ética universal do ser humano” (2006, p. 15), essencial para o trabalho docente.

Quando afirma “não há docência sem discência” (2006, p. 21), e “quem forma se forma e re-forma ao formar, e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (2006, p.23), deixa claro que o ensino não depende exclusivamente do professor, assim como aprendizagem não é algo apenas de aluno. “Não há docência sem discência”, as duas se explicam, e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro.

“Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender” (2006, p. 23).

Nota-se que o professor não é um sujeito superior ao educando, mas que está numa relação ética com o educando, onde a realidade pode ser modificada, com respeito aos saberes do educando.

Respeito, autonomia e consciência do inacabamento é o maior ensinamento passado por Paulo Freire.

7 REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Moraes, 1980.
- _____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- _____. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- _____. **Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Brasil: Paz e Terra (Coleção Leitura), 1997. Edição de bolso.
- _____. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- _____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**, São Paulo: UNESP, 2000
- _____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1993.
- GADOTTI, Moacir (Org.). **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez, 1997.
- KRONBAUER, Luiz Gilberto. **Arqueologia da Conscientização**. In: Dicionário Paulo Freire, 2008.
- _____. **Acerca de Paulo Freire: fundamentos filosóficos da conscientização**. *Estudos Leopoldenses*, Série Educação. v. 2, n. 3. p. 27-35. 1998.
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **Paulo Freire Marxista?** In: Paulo Freire uma biobibliografia. São Paulo: Cortez, 1997.
- OSOWSKI, Cecília Irene. **Situações – Limites**. In: Dicionário Paulo Freire, 2008.
- <http://www.paulofreire.org.br/asp/template.asp?secao=biografia&sub=biografia3>